

Boletim

Nº 1.956 - Ano 42 - 12 de setembro de 2016



COM A MARCA DOS 90

Com o desafio de respeitar a sua memória, sem perder de vista os desafios do presente e do futuro, a UFMG abriu oficialmente, na semana passada, as comemorações de seus 90 anos de fundação, que serão completados em 7 de setembro de 2017. Confira a cobertura da cerimônia, realizada na Sala de Sessões da Reitoria.

Páginas 4 e 5

REVISÃO do Programa Ciência sem Fronteiras*

José Celso Freire Junior**

O anúncio de mudanças no Programa Ciência sem Fronteiras (CsF) trouxe grande inquietação à comunidade acadêmica brasileira. As principais mudanças estão relacionadas ao início de um programa de capacitação em inglês para alunos do ensino médio e ao término do financiamento dos intercâmbios para estudantes de graduação.

Contrariamente à percepção geral, o Programa teve muitos acertos e foi crucial para o avanço da política de internacionalização das Instituições de Ensino Superior do país. Por outro lado, é inegável que equívocos foram cometidos em sua implementação e acompanhamento.

Talvez a questão mais importante esteja associada à sua avaliação. Mostrar à população os benefícios gerados pelo programa obriga uma avaliação efetiva similar à realizada com o maior dos programas de mobilidade do mundo, o Erasmus europeu, por meio do *Erasmus Impact Study*. E isso não foi feito.

Outro problema evocado diz respeito ao reconhecimento das atividades acadêmicas realizadas no exterior. Dados de programas de mobilidade do mundo todo indicam que esse problema não é exclusivo do CsF. Além disso, é inegável que o Programa obrigou as IES do Brasil a discutir a questão e, mais que isso, fez com que elas passassem a analisar as possibilidades de alteração em seus regulamentos e em suas estruturas curriculares e abordagens pedagógicas.

A falta de conhecimento de idiomas de nossos estudantes também é uma questão importante e foi um dos principais problemas encontrados para a efetiva implementação do Programa. A resposta, tardia, mas importante, foi o desenvolvimento do Programa Idiomas sem Fronteiras (IsF), a primeira política pública a tratar da questão do conhecimento de idiomas no ensino superior brasileiro. Muito ainda precisa ser feito, mas bases sólidas foram lançadas.

No mundo existem cerca de 20 mil IES. Afirmações de que somente 4% dos bolsistas do CsF foram para as 25 melhores IES do mundo também são exploradas de forma enviesada. Enviar estudantes para IES que estejam, por exemplo, entre as 500 melhores do mundo (2,5 % das existentes e onde encontramos somente quatro brasileiras, segundo o *Ranking Times Higher Education*) certamente oferece a eles uma excepcional experiência acadêmica.

Talvez a maior reação contrária ao Programa se deva aos desvios de recursos de outros programas para sua implementação. Sem entrar na questão da importância comparativa entre diferentes programas para a construção de um país apto a atuar em um mundo marcado pelo protagonismo da sociedade do conhecimento, pretende-se unicamente mostrar a importância do CsF nesse cenário. A necessária discussão sobre recursos deve ser certamente realizada.

Os argumentos apresentados acima foram utilizados como justificativa para a supressão das bolsas de mobilidade dos estudantes de graduação para privilegiar intercâmbios de doutorandos e pesquisadores. Para o avanço da ciência e para a construção de parcerias que favoreçam a colaboração científica entre as IES brasileiras e do exterior, esse tipo de mobilidade deve ser assegurado e incentivado.

A fim de sustentar essa afirmação, apresento dados do maior

programa de mobilidade do mundo, o Erasmus europeu. Segundo o *Erasmus Impact Study*, foram aplicados 3,1 bilhões de euros para efetivar a mobilidade de 1,6 milhão de estudantes na Europa, de 1987 a 2014 (incluindo a mobilidade de 300 mil técnicos e professores).

O estudo mostrou que, em 2013, 64% dos empregadores europeus consideravam que uma experiência no exterior influencia fortemente suas carreiras e suas vidas. Estudantes europeus que participaram do programa tiveram sua empregabilidade bastante aumentada (em torno de 25%), e as chances de ficar desempregados caíram pela metade.

O mesmo estudo indicou que, em 2013-2014, somente 1% das mobilidades na Europa foi realizada por estudantes de doutorado, e 29%, por estudantes de mestrado. Na Europa, o período que um estudante leva para obter um bacharelado mais um mestrado é similar, na maioria das carreiras, ao tempo que um estudante brasileiro leva para obter sua graduação. Mesmo considerando outras fontes de financiamento, o número de mobilidade de estudantes de doutorado não é expressivo quando comparado a outros tipos.

Outra crítica constante veiculada pela grande imprensa diz respeito aos estudantes que teriam ido “passear”, não cumprindo suas obrigações. Alunos com esse perfil existem em todos os programas de mobilidade do mundo e em proporções similares. As providências que vêm sendo tomadas pelas agências brasileiras são análogas ao que se pratica na Europa: obrigar os estudantes a devolver a totalidade dos recursos neles aplicado. Em vez de sobrevalorizar casos residuais, como tem sido feito, é importante reconhecer os excelentes resultados obtidos pelos estudantes brasileiros nas instituições estrangeiras. Um número expressivo de bolsistas do Programa CsF foi classificado entre os melhores alunos de suas turmas.

Apesar de todos os problemas, é patente que o programa efetivamente pôs o país no mapa da educação superior internacional, como indicou Cristian Muller, ex-diretor do Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD) no Brasil. Mais que isso, o CsF foi a primeira política pública visando à internacionalização da educação superior do País e, por isso, deve ser valorizado.

Nesse contexto, propõe-se que a sua nova versão considere modelo implementado por meio de consórcios (compostos de instituições de diferentes segmentos – público, privado, confessional – e regiões) liderados por IES brasileiras com maior experiência internacional, pois as parcerias dos membros favoreceriam a mobilidade a custos reduzidos. Mobilidades de alunos de graduação, pós-graduação (incluindo mestrado), professores e de técnicos administrativos seriam asseguradas. Além da mobilidade, ações da capacitação dos membros menos experientes beneficiariam o processo de internacionalização das IES participantes.

Dessa forma, a educação superior brasileira dará um grande passo em direção às melhores práticas e ações já realizadas no mundo, contribuindo, assim, para o desenvolvimento do país.

*Versão resumida de artigo publicado no *Jornal da Ciência*, de 3/08/2016

**Assessor-chefe de Relações Externas da Unesp e presidente da Associação Brasileira de Educação Internacional

Esta página é reservada a manifestações da comunidade universitária, por meio de artigos ou cartas. Para ser publicado, o texto deverá versar sobre assunto que envolva a Universidade e a comunidade, mas de enfoque não particularizado. Deverá ter de 5.000 a 5.500 caracteres (com espaços) e indicar o nome completo do autor, telefone ou correio eletrônico de contato. A publicação de réplicas ou trélicas ficará a critério da redação. São de responsabilidade exclusiva de seus autores as opiniões expressas nos textos. Na falta destes, o BOLETIM encomenda textos ou reproduz artigos que possam estimular o debate sobre a universidade e a educação brasileira.

Em **HONRA** da **VOZ**

Cantora lírica Maria Lúcia Godoy é a 21ª personalidade a receber o título de Doutor Honoris Causa da UFMG

Ana Rita Araújo

Sua voz foi comparada, pelo poeta Carlos Drummond de Andrade, ao ouro de Minas. Por Ferreira Gullar, a um pássaro voando. A cantora lírica Maria Lúcia Godoy, grande divulgadora da música brasileira em todas as suas manifestações, será agraciada com o Doutor Honoris Causa, maior título honorífico da UFMG. A solenidade será realizada nesta quinta-feira, 15, às 17h, em sessão solene e pública do Conselho Universitário, na Sala de Sessões da Reitoria, como parte das comemorações dos 90 anos da UFMG, que tiveram início na semana passada e se estendem até setembro de 2017.

Aos 92 anos, a artista afirma que recebeu, “com grande surpresa, muita satisfação e orgulho, a notícia de outorga do título concedido pela UFMG, por meio da Escola de Música”. E completa: “Confesso, com o coração repleto de alegria, que jamais almejei esse título, que me deixa imensamente comovida”.

Nascida em Mesquita (MG), em 1924, Maria Lúcia Godoy graduou-se em Letras Neolatinas na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, atualmente Faculdade de Letras da UFMG. Em 2002, recebeu a Medalha de Honra do Programa Sempre UFMG Ex-alunos. A cantora fala de sua “gratidão eterna” pela “querida Universidade” e destaca que o curso muito a auxiliou na interpretação de músicas de outras nacionalidades. “Tive excelentes professores, entre os quais destaco o formidável Eduardo Frieiro, que me passaram conhecimentos e saberes indispensáveis à minha formação profissional e pessoal, abrindo-me novos e belos horizontes”, comenta.

Para o professor Mauro Chantal, que saudará a cantora na solenidade de entrega do título, a indicação de seu nome para a homenagem tem como alicerce o trabalho realizado em prol da cultura musical do Brasil. “Por seu esforço contínuo, ao longo de mais de cinco décadas, para que a música brasileira chegasse a todos os continentes, por meio de inúmeros discos gravados, ou por incontáveis concertos, ela pode ser considerada o estandarte da canção de câmara brasileira”, ressalta. “Maria Lúcia Godoy se destacou como intérprete única da canção de câmara brasileira, e seu nome é referência para estudo desse material, por sua dicção perfeita e atributos musicais inquestionáveis”, afirma ele. Mantendo a mesma desenvoltura na ópera, na canção ou no recital de câmara, ela gravou várias composições de Villa-Lobos, estabelecendo novo padrão de interpretação vocal de sua obra.

Saraus e cinema

A trajetória da artista começou ainda na adolescência, com declamações poéticas em saraus realizados pela família Godoy em Belo Horizonte. Mais tarde, já graduada, foi cronista do jornal Estado de Minas por 11 anos. Poetisa, teve parte de sua obra publicada em livros como *Ninguém reparou na primavera* (Editora Lê) e *Um passarinho cantou* (Editora Rio Gráfica), ambos de 1985. Sua voz esteve presente em vários momentos importantes da história do país, como a solenidade de inauguração de Brasília, em 1960, a convite do presidente Juscelino Kubitschek, e durante a cerimônia de traslado dos restos mortais de D. Pedro I ao Brasil, em 1972, no Mosteiro dos Jerônimos, em Lisboa.



Maria Lúcia: novo padrão de interpretação das obras de Villa-Lobos

Ao longo de sua carreira, a cantora se apresentou em países da Europa, no Japão, nos Estados Unidos, no Oriente Médio e na América Latina, sempre interpretando obras brasileiras. Soprano solista, foi regida por nomes como Isaac Karabtchevsky, Henrique Morelenbaum, Mário Tavares, Johannes Hoemberg e Roberto Duarte, em orquestras de renome internacional. Sua arte a levou ainda para o cinema, tendo participado, como atriz, de filmes como *Os senhores da terra* (1970), de Paulo Thiago; *Navalha na carne* (1997), de Neville de Almeida; *Poeta de 7 faces* (2002), de Paulo Thiago, e *Glauber, o filme – Labirinto do Brasil* (2003), de Sílvio Tendler.

O título

Concedido por iniciativa do Conselho Universitário ou por sugestão de uma das congregações da UFMG, o título de Doutor Honoris Causa se destina a brasileiros ou estrangeiros cujo trabalho seja de especial relevância para a cultura, a educação ou a ciência. Em seus 90 anos de história, a UFMG concedeu seu maior título honorífico a 21 personalidades, já incluindo Maria Lúcia Godoy. Quatro agraciados não chegaram a receber a honraria: o poeta Carlos Drummond de Andrade, o economista Celso Furtado, o arquiteto Oscar Niemeyer e o compositor e escritor Chico Buarque de Holanda.

A indicação de Carlos Drummond de Andrade ocorreu em 1973. O escritor demonstrou resistência em ser alvo do que chamou de “honraria indevida”, e problemas de saúde o impediram de recebê-la. “Nenhuma falsa modéstia inspirou esta afirmação. Ela é antes motivada pela concepção, que tenho, da importância e especificidade da missão universitária”, justificou em carta à Universidade. Ao fim da mensagem, pediu à UFMG que aguardasse “ocasião propícia” para formalizar a entrega, alegando que sua saúde o impedia de viajar a Minas naquele momento.

Em 1987, por ocasião das comemorações dos 60 anos da UFMG, o então reitor Cid Veloso pretendia enviar ao Rio de Janeiro uma comissão especial do Conselho Universitário para, enfim, entregar o diploma a Drummond. Mas a morte do escritor, em agosto daquele ano, frustrou os planos da Universidade.

DADA A LARGADA

UFMG abre as comemorações de seus 90 anos com o desafio de respeitar a sua memória e garantir a continuidade de um projeto de qualidade e inclusão

Da redação

Ao abrir as comemorações dos 90 anos da UFMG, que classificou como um “momento ritualístico”, o reitor Jaime Ramírez afirmou que a atual geração que integra a UFMG tem enorme desafio pela frente. “Precisamos respeitar a nossa memória e o nosso passado, ter a consciência dos desafios do presente, sobretudo em tempos nebulosos, e anunciar o futuro de nossa instituição – que se depender de nossa geração será de qualidade, de referência, com inserção social e, sobretudo pública e gratuita, para concretizar o sonho daqueles que ainda não conhecemos”.

A cerimônia, realizada no dia 8 de setembro, na Sala de Sessões do prédio da Reitoria, também contou com lançamentos de hot site sobre os 90 anos, de vídeo com ‘pílulas’ sobre fatos marcantes da história da instituição e de selo que vai ilustrar produtos informativos e de comunicação alusivos à programação nos próximos 12 meses [*leia mais na página ao lado*]. Também participaram da solenidade a vice-reitora Sandra Goulart Almeida, pró-reitores e dirigentes da UFMG e reitores das últimas três gestões: Ana Lúcia Gazzola (período 2002-2006), Ronaldo Tadêu Pena (2006-2010) e Clélio Campolina Diniz (2010-2014).

Jaime Ramírez agradeceu aos diretores, pela parceria cotidiana, e aos reitores que o antecederam no comando da UFMG. “Cada um a seu jeito e no seu tempo preparou as gerações seguintes para dar continuidade a essa obra”, disse o reitor, que fez um pronunciamento emocionado.

Homenagem

Um dos pontos altos da cerimônia foi a entrega de uma placa ao professor e historiador José Carlos Sebe Bom Meihy, que doou para a UFMG os cadernos microfilmados da escritora Carolina Maria de Jesus, 21 gravuras de Candido Portinari sobre a obra-prima de Miguel de Cervantes, *Dom Quixote de la Mancha*, e o exemplar raro da publicação *D. Quixote: Cervantes, Portinari, Drummond*, que inspirou a exposição *D. Quixote – Portinari e Drummond: releituras de Cervantes*, aberta ao público no saguão da Reitoria. A mostra foi organizada pela Diretoria de Ação Cultural (DAC), com curadoria do professor Fabrício Fernandino.

“Esses acervos representam dádivas de grande valor”, disse a vice-reitora Sandra Almeida. A ideia de presente, aliás, é um dos principais motes das comemorações. “Nós damos presentes maravilhosos e também recebemos. Os presentes doados pelo professor José Carlos Meihy são exemplos disso”, afirmou a vice-reitora.

Surpreso com a homenagem, Meihy, que é vinculado à USP, disse que os acervos foram “doados de coração”. “Eles têm uma história de desafogo. Um grande momento na vida de uma pessoa é quando ela completa 60 anos, pois passa a pensar como vai viver o resto de seus dias e o que fazer em vida com as coisas que acumulou.”

Sobre os escritos de Carolina Maria de Jesus, à disposição para consulta no Acervo de Escritores Mineiros, José Carlos Meihy lembrou que a UFMG é uma das três únicas instituições do mundo a contar com essa coleção – as outras são as bibliotecas Nacional, no Rio de Janeiro, e a do Congresso dos Estados Unidos.

Em relação às 21 gravuras de Portinari, Meihy contou que elas foram

um presente de casamento de sua esposa. Durante muitos anos ficaram guardadas em um armário em casa. Sua decisão de doar o material para a UFMG foi influenciada por uma relação sentimental que mantém com Minas Gerais e os mineiros. Ele contou que a primeira viagem marcante de sua vida teve Belo Horizonte como destino. Aqui, ele se encantou pelos painéis de Portinari que adornam a parte externa da Igreja da Pampulha, projetada por Oscar Niemeyer. “Portinari, Pampulha, Drummond, Carolina [*Maria de Jesus*], que é mineira, tudo conduzia para Minas. Por isso, decidi que esses acervos tinham que ficar aqui”, disse o professor, que é amigo dos professores Constância Lima Duarte e Eduardo de Assis Duarte, da Faculdade de Letras, que intermediaram as doações.

Cara da UFMG

Os professores Ana Lúcia Gazzola, Ronaldo Tadêu Pena e Clélio Campolina Diniz, que antecederam o reitor Jaime Ramírez no comando da UFMG, também prestigiaram a cerimônia. Ana Lúcia, que ingressou, ainda na adolescência, no antigo Colégio Universitário, se diz profundamente identificada com a Universidade. “Já me disseram que eu tenho a cara da UFMG”, relatou, acrescentando que aqui recebeu ótimos presentes e “passou os melhores tempos de sua vida”.

Seu sucessor na Reitoria, Ronaldo Pena, outro que entrou na UFMG por meio do antigo Colégio Universitário, também manifestou seu orgulho de um dia ter dirigido a Instituição. “Quando me pediam para fazer um resumo do meu currículo, eu dizia apenas o seguinte: reitor da UFMG. Não há título acadêmico maior do que este.”

O professor Clélio Campolina Diniz, cujo vínculo com a UFMG já dura quatro décadas, aposentou-se recentemente em razão do limite de idade, mas ainda continua exercendo atividades de pesquisa na Face. “Eu vim de outra instituição e entrei aqui porque queria construir uma carreira de professor universitário”, revelou. Para ele, a “UFMG é um patrimônio de Minas” e parte importante de um sistema de ciência, tecnologia e inovação, que é fundamental para a construção de um “país mais justo, solidário e menos desigual”.



Jaime Ramírez: respeito ao passado



Fotos Foca Lisboa/UFMG

Sandra Almeida homenageou o professor José Carlos Meihy: histórias de desafio



Ana Lúcia: melhores tempos na UFMG

Representação da dádiva

Durante a abertura das comemorações dos 90 anos da UFMG, foi lançado o selo que estará presente, ao longo dos próximos 12 meses, em peças gráficas, vídeos, apresentações digitais, websites e outros produtos relativos às festividades no âmbito da Universidade.

O selo explora as formas circulares dos algarismos que formam o número 90 para transmitir o conceito de dádiva e retribuição que marca as relações no universo acadêmico.

O desenho faz referência também, segundo o designer Marcelo Lustosa, coordenador de criação do Centro de Comunicação da UFMG (Cedecom), ao movimento Art Déco, das artes e da arquitetura, presente em Belo Horizonte à época em que se reuniram escolas e faculdades para a criação da Universidade de Minas Gerais (UMG), em 1927.

Essa referência aparece em traços que sugerem a organicidade geométrica do Art Déco. Por fim, o selo dos 90 anos também lembra um relógio, que remete à ideia de tempo. O selo foi criado por Felipe Parreira e Marcelo Lustosa.

Na programação da TV UFMG e em outros ambientes compatíveis com o recurso, o selo será mostrado em animação de 10 segundos, produzida por Ian Lara, em que movimentos repetidos constroem o desenho. A marca em movimento reforça a ideia de circularidade como característica da construção de conhecimento na universidade.

A animação tem trilha sonora do professor Fernando Rocha, da Escola de Música. Ele gravou sons como o de sino, da Kalimba (instrumento de percussão africano) da água e manipulou no computador. “A primeira parte da animação, que forma o número 90, ganhou melodia mais marcante e sincronizada com os movimentos. O trecho em que aparece o nome UFMG tem base do som da água, que associa à vida e ao futuro” explica Fernando Rocha.

As instruções para uso do selo que ilustrará todas as peças institucionais no próximo ano estão divulgadas no hotsite dos 90 anos, que também entrou no ar na semana passada. A página será alimentada com informações sobre a programação, reportagens e histórias – depoimentos e documentários.



Ronaldo Pena: orgulho



Campolina: UFMG é patrimônio de Minas

PALAVRA e SILÊNCIO

UFMG sedia simpósio internacional que relaciona estudos da linguagem e do discurso às diferentes manifestações da desigualdade

Itamar Rigueira Jr.

Nesta semana, a líder indígena Sonia Guajajara, de Imperatriz, Maranhão, faz a conferência inaugural do IV Simpósio Internacional sobre Análise do Discurso, que será realizado no campus Pampulha. Em outro momento do evento, o linguista Patrick Charaudeau, da Universidade de Paris 13 e diretor do Centro Nacional de Pesquisa Científica (CNRS), da França, vai questionar a possibilidade de solucionar as desigualdades no (e pelo) discurso. De naturezas tão diferentes, as intervenções simbolizam à perfeição, e de forma complementar, o espírito do evento, que tem como tema *Discursos e desigualdades sociais*.

De 14 a 17 de setembro, pesquisadores e estudantes brasileiros e estrangeiros, de diferentes correntes dos estudos do discurso, das ciências da linguagem e de disciplinas próximas, vão abordar as articulações dos discursos com as desigualdades, que vão além das socioeconômicas. O objetivo é tratar das desigualdades étnicas, de gênero, profissionais, religiosas, educacionais, entre muitas outras.

De acordo com os organizadores, em texto que apresenta o simpósio, “não se trata de discutir apenas a desigualdade social nos seus aspectos políticos, ideológicos e econômicos, mas de identificar e investigar a função e a representação da desigualdade na (e pela) linguagem, bem como seus modos de funcionamento nas diferentes práticas discursivas”.

O simpósio é promovido pelo Núcleo de Análise do Discurso (NAD) da UFMG, vinculado à Faculdade de Letras (Fale), criado há 24 anos e responsável pela publicação de 15 livros e inúmeros artigos. O grupo trabalha em

parceria com universidades francesas, como Paris-Est Créteil, e organiza o evento na UFMG desde 1997 (as outras edições foram em 2002 e 2008). Em 2011, a UFMG também sediou o Congresso da Associação Latino-americana de Estudos do Discurso.

Identities e linguagem

Na perspectiva das desigualdades, os estudiosos da área se dedicam à questão do poder sobre o discurso: a quem se dá a palavra, quem é silenciado, quem tem a legitimidade do uso da palavra. “Um dos problemas que aparecem com mais força na atualidade está relacionado às identidades. No mundo inteiro, as reivindicações, que antes se referiam a diferenças de classe social, hoje estão ligadas a identidades e alteridades. E isso se reflete no discurso”, comenta o professor Wander Emediato, coordenador do NAD e um dos coordenadores do simpósio, com as professoras Gláucia Muniz Proença Lara e Ida Lucia Machado, também da Fale.

Os linguistas se preocupam, entre muitos outros aspectos, com a seleção lexical (é diferente, por exemplo, quando se fala de um ato de grupos sem-teto, dizer que *ocuparam* ou *invadiram* um prédio), a hierarquização temática num jornal, as características de relações entre professor e aluno, o uso de estereótipos e clichês, que simplificam, generalizam e mostram como, no discurso, o outro é representado e hierarquizado.

De acordo com Emediato, é a primeira vez que se organiza um congresso dessa magnitude – são mais de mil participantes inscritos –, tão concentrado na temática da relação entre discurso e desigualdade, abordagem que atraiu tantos participantes

em função de sua própria originalidade. “A adesão à proposta foi extraordinária, e vamos receber pesquisadores de todos os continentes”, diz o professor: “Isso se explica, em parte, pela grande visibilidade atual de impasses como o das migrações em massa e das desigualdades sociais no mundo”, acrescenta.

Outras informações estão disponíveis no site do Núcleo de Análise do Discurso da UFMG. (www.letras.ufmg.br/nucleos/nad) e no site do evento (<https://simposioad.wordpress.com/>).

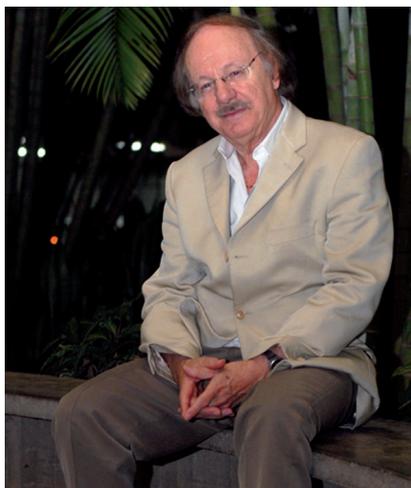
A política, o excluído, e as narrativas

Três livros organizados por pesquisadores do NAD serão lançados no dia 14, às 18h, no Centro de Atividades Didáticas 2 (CAD2)

Análises do discurso político (Ed. Fale) reúne artigos que procuram atualizar a abordagem dessa prática discursiva. De acordo com Wander Emediato, que organizou o volume, embora o discurso político não goze do mesmo prestígio que nos anos 1960, ainda é muito relevante para a investigação científica. “A natureza heterogênea das perspectivas presentes neste livro evidencia a intensidade e a complexidade do discurso político como objeto de estudos”, afirma Emediato.

Representações do outro: discurso, (des)igualdade e exclusão (Editora Autêntica) atravessa domínios como mídia, literatura e política para revelar as imagens dos sujeitos usualmente destituídos de fala, seja em seus próprios discursos ou no de seus porta-vozes. “O objetivo é mostrar que a História também pode ser contada do ponto de vista do dominado”, explica Gláucia Lara, organizadora da obra com Rita Lamberti, da Universidade Federal da Grande Dourados (MS).

Estudo sobre as narrativas em diferentes materialidades discursivas na visão da análise do discurso (Ed. Fale) explora as narrativas políticas, biográficas, religiosas, midiáticas e em diferentes perspectivas e práticas discursivas. O e-book é organizado por Ida Lucia Machado, também da Fale, e Mônica de Souza Melo, da Universidade Federal de Viçosa.



Sonia Guajajara e Patrick Charaudeau: representação da desigualdade na (e pela) linguagem

MOSTRA DAS PROFISSÕES

O campus Pampulha vai receber, neste sábado, 17, das 9h às 18h, na Mostra das Profissões, milhares de estudantes do ensino médio em busca de informações sobre os cursos de graduação oferecidos pela Universidade. Em salas interativas e por meio de palestras, a Mostra apresenta objetos de estudo, campos de atuação, perspectivas do mercado de trabalho e perfil profissional referentes a cada curso, com o intuito de orientar futuros universitários em suas escolhas. Realizada desde 2004, a Mostra adotou formato virtual em 2011 e, há dois anos, retomou o presencial.

O visitante pode baixar o aplicativo Mostra UFMG, disponível para os sistemas operacionais iOS e Android, que disponibiliza mapas do campus, catálogo virtual e vídeos sobre os cursos e possibilita a avaliação das salas interativas. O QR Code do aplicativo está disponível em <http://bit.ly/2cgCZUs>. Mais informações podem ser obtidas pelos telefones (31) 3409-4562 e 3409-6472 e no site www.ufmg.br/mostradasprofissoes.

UFMG JOVEM

Cinquenta trabalhos de alunos dos ensinos fundamental e médio de Minas Gerais serão apresentados, de 15 a 17 de setembro, na Praça de Serviços, durante a 17ª edição da UFMG Jovem. A feira é aberta a alunos e professores do ensino fundamental e médio e estudantes dos cursos de licenciatura. A expectativa é de que o público ultrapasse os mais de dois mil visitantes registrados no ano passado.

No dia 15 de setembro, ocorrem a abertura do evento e o credenciamento dos participantes a partir das 13h. Nos dias 16 e 17, das 8h às 17h, serão realizadas as exposições dos trabalhos pelos alunos em estandes na Praça de Serviços. Ao fim do evento, a comissão avaliadora classificará os melhores trabalhos, cujos autores receberão bolsa de iniciação científica júnior.

Erramos

90 ANOS

Maria Juliana Gambogi Teixeira, que integra a Comissão dos 90 anos, é professora e não diretora da Faculdade de Letras, cargo que é ocupado por Graciela Inés Ravetti de Gómez. A informação, publicada na edição 1955 do BOLETIM, foi corrigida em sua versão digital.

CID VELOSO

Morreu na última sexta-feira, 9 de setembro, o professor Cid Veloso, reitor da UFMG na gestão 1994-1998. Ele tinha 79 anos e sofreu uma hemorragia no abdômen. Seu corpo foi velado no sábado, 10, no saguão do prédio da Reitoria, no campus Pampulha.

“Era uma pessoa muito generosa e apaixonada pela UFMG, e a esta Instituição dedicou sua vida”, comentou o reitor Jaime Ramírez. “Democrata e conciliador, soube valorizar os órgãos colegiados superiores e conduziu com maestria a contribuição da UFMG à Constituição Federal de 1988”.

Mineiro de Piumhi, Cid Veloso graduou-se em 1961 na Faculdade de Medicina da UFMG, na qual também se tornaria professor e ocuparia os cargos de vice-diretor e diretor da Faculdade de Medicina. Foi um dos fundadores da Caixa de Assistência à Saúde da Universidade (Casu), plano de saúde criado em 1993 para atendimento à comunidade da UFMG. Como assessor da Secretaria de Saúde de Minas Gerais, implantou, no biênio 1995-1996, o Programa Saúde da Família.

Cid Veloso era casado com a professora Roseni Rosângela Chompré, ex-diretora da Escola de Enfermagem, e deixou quatro filhos e três netos.

Leia mais sobre a trajetória do professor no Portal UFMG (<http://bit.ly/2chH7Vv>).



Foca Lisboa/UFMG

TERAPIA OCUPACIONAL

Conferências e mesas-redondas com pesquisadores de diversas áreas do conhecimento compõem a programação da 2ª Jornada de Terapia Ocupacional, que discutirá, nos dias 7 e 8 de outubro, no campus Pampulha, temas como espaço e cotidiano, processos criativos, trabalho e saúde, neurociências, processos e produtos, numa perspectiva transdisciplinar.

O evento é promovido pelo Programa de Educação Tutorial (PET), do curso de graduação em Terapia Ocupacional da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO). Mais informações podem ser obtidas no site <http://bit.ly/2cQz1FY>, no qual devem ser feitas as inscrições.

GINÁSTICA AERÓBICA

A seleção brasileira de Ginástica Aeróbica participou do Campeonato Sul-Americano de Ginástica Aeróbica, em Bogotá (Colômbia), de 23 a 29 de agosto, com um grupo de 15 atletas. Desses, sete fazem parte da Ginástica Aeróbica da UFMG, que treinam na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO).

Os atletas da UFMG conquistaram seis medalhas de ouro e uma de prata, nas oito provas que disputaram. “Acreditamos que estamos cumprindo o papel da Universidade de propiciar formação complementar aos nossos acadêmicos e um projeto de extensão que ofereça qualidade e eficiência à comunidade. Estamos muito felizes com isso”, avalia a treinadora da equipe, professora Kátia Lemos.

MULHERES NA GESTÃO UNIVERSITÁRIA

A administração pública sob a perspectiva feminina será discutida nesta semana (15 a 17), no Instituto Casa da Glória, em Diamantina, no 2º Fórum Mulheres na Administração Universitária, organizado pelas professoras Bya Braga e Márcia Machado, diretoras da Escola de Belas-Artes e do Instituto de Geociências, respectivamente.

Com o tema *Compromissos e convívios na educação pública universitária: bem comum, pluralidade e autonomia sob a perspectiva feminina*, a programação inclui grupos de trabalho e conferências das convidadas Nilma Lino Gomes, ex-ministra das Mulheres, da Igualdade Racial, da Juventude e dos Direitos Humanos, e Valéria Kemp, ex-reitora da Universidade Federal de São João del Rei.

As organizadoras fazem referência à Carta de Diamantina (<http://goo.gl/N37rZt>), aprovada na primeira edição do Fórum, no ano passado, para explicar que a natureza do evento “reside na percepção da potencialidade de um espaço permanente de diálogo, ainda não experimentado na UFMG”, para avaliação e proposição de ações específicas concernentes à administração pública realizada por mulheres.

OBRA de ARTE

Professor da Belas-Artes lança enciclopédia de livros de artista pela Editora UFMG

Ewerton Martins Ribeiro

Paul Valéry conta a história da serpente que come a própria cauda. Depois de um longo tempo mastigando, ela reconhece no que come o próprio gosto; e aí para de se engolir. Daí a instantes, contudo, não tendo mais do que se alimentar, volta a se devorar, em um círculo autodigestivo. Numa instância impossível, o animal chegaria mesmo ao absurdo de ter em sua goela a sua própria cabeça. “É o que se chama uma teoria do conhecimento”, provoca o filósofo e escritor francês.

A alegoria ilustra o processo de concepção do volume *O livro de artista e a enciclopédia visual*, do professor Amir Brito Cadôr, que a Editora UFMG lançou recentemente pela coleção Artes Visuais: se o dispositivo “livro” é o representante máximo e mais antigo do desejo humano de inventariar o conhecimento, a obra de Amir se propõe ser um inventário de outros livros, fazendo resultar desse circular movimento uma teoria do conhecimento por meio de imagens. Dito de outro modo, a obra apresenta uma teoria no momento de sua concepção – e isso em linguagem simples, que evita os jargões acadêmicos, fazendo-se acessível não só a pesquisadores, mas também a graduandos e mesmo secundaristas.

A obra é uma enciclopédia de livros de artista que, ao mesmo tempo que desvela em seu produto final o processo por meio do qual foi estabelecida, funciona como manual de produção de enciclopédias visuais. “Não por acaso, o círculo é a metáfora por excelência da enciclopédia, que não tem começo nem fim”, escreve Amir. Segundo o professor da EBA, a autorreferencialidade da obra se dá por meio de um

Idealizados e produzidos como obra de arte, ou, em outras palavras, as obras de arte pensadas como livros.

movimento em espiral, em que cada volta aumenta o campo de abrangência do contorno circular que o conhecimento tenta empreender sobre si mesmo.

O livro se organiza em mais de 70 verbetes independentes e não sequenciais, estruturados em rede. Cada ponto pode se ligar a qualquer outro, formando constelações. Distribuídos em 12 capítulos temáticos, esses verbetes sintetizam alguns dos principais conceitos pertinentes ao universo dos livros, como coleção, biblioteca, museu, dicionário, lista, inventário, atlas, arquivo, catálogo, corpo, montagem, edição, tipografia, paratexto, leitura, legenda, contexto, apropriação, tradução, imaginação, plágio, representação, cópia, labirinto, espelho. E cada verbete é “ilustrado” com um ou mais livros de artista que, em si, engendram um saber sobre aquele tema específico – sem que se tente, nesse processo, abranger um universo pretensamente totalizante.

No verbete “papel”, por exemplo, é apresentado o livro *Circles*, em que o artista islandês Kristján Gudmundsson reproduz três fotografias de círculos que se formam na superfície da água quando se deixa cair nela uma pedra. No livro de Gudmundsson, os três círculos têm tamanhos distintos, já que foram criados por pedras de diferentes pesos. A espessura do papel de cada página varia de acordo com o tamanho dos círculos, sugerindo uma relação entre essa gramatura e o peso da pedra que gerou cada uma das imagens.

Para sua enciclopédia, o pesquisador selecionou apenas livros de artista com tiragem comercial e que geram conhecimento com base em imagens ou na relação entre texto e imagem. A maioria pertence à coleção especial de livros de artista da biblioteca da Escola de Belas-Artes da UFMG, pioneira no Brasil, estruturada em 2009. Amir é o

curador da coleção. Outros fazem parte do acervo pessoal do autor ou pertencem a pesquisadores parceiros, que colaboraram com a escrita da tese – defendida em 2012 na UFMG – que resultou na publicação. A coleção especial que subsidiou o trabalho – que pode ser conhecida no site <http://colecaolivrodeartista.wordpress.com/> – conta com mais de 500 livros catalogados, além de cerca de 300 por catalogar.

O livro de Amir Cadôr é o segundo da coleção Artes Visuais. No primeiro semestre, foi publicado o volume *Arte poder*, do crítico e filósofo alemão Boris Groys.



Livro: *O livro de artista e a enciclopédia visual*

Autor: Amir Brito Cadôr

Editora UFMG

655 páginas / R\$ 88 (preço de capa)

EXPEDIENTE

Reitor: Jaime Arturo Ramírez – Vice-reitora: Sandra Goulart Almeida – Diretor de Divulgação e Comunicação Social: Marcílio Lana – Editor: Flávio de Almeida (Reg. Prof. 5.076/MG) – Projeto Gráfico: Marcelo Lustosa – Diagramação: Romero Moraes – Revisão: Cecília de Lima e Josiane Pádua – Impressão: Imprensa Universitária – Tiragem: 4,6 mil exemplares – Circulação semanal – Endereço: Diretoria de Divulgação e Comunicação Social, campus Pampulha, Av. Antônio Carlos, 6.627, CEP 31270-901, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil – Telefone: (31) 3409-4184 – Internet: <http://www.ufmg.br> e boletim@cedecom.ufmg.br. É permitida a reprodução de textos, desde que seja citada a fonte.

UFMG

Carta

9912388766/2015DRMG

UFMG

Correios